

Capoeira angola x capoeira regional: um debate necessário

Marcio Teixeira Lopes¹

O meu estilo é só capoeira, pois, nos fundamentos, a Capoeira se joga de acordo com o toque do berimbau, cada toque é um tipo de jogo, e o verdadeiro capoeirista tem que saber jogar o que o berimbau pedir (...). Esse negócio de só Angola ou só Regional, eu não concordo (...) uma roda de Capoeira de verdade dentro do ritual, tem que ter todos os toques, para que se faça todos os tipos de jogos.²

Percebemos na citação acima uma afirmação muito comum no universo da capoeira. Trata-se do entendimento de diversos capoeiristas, que seria possível ser adepto dessas duas “modalidades de capoeira”. Porém, acreditamos que a Capoeira Angola e a Capoeira Regional não são apenas movimentos físicos diferentes utilizados dentro de uma roda de capoeira, mas sim, estilos diferentes que transportam para o universo da capoeira modos diferentes de pensar a sociedade. Assim, no decorrer do presente estudo, pretendemos apontar apresentar alguns argumentos que apontam no sentido da impossibilidade de ser praticante ao mesmo tempo da Capoeira Angola e da Capoeira Regional.

Para este entendimento, torna-se necessário saber que a capoeira aparece no Brasil como um instrumento de defesa dos negros africanos em seus anseios por liberdade durante a sociedade escravista. Os negros eram aprisionados e trazidos para o Brasil para serem utilizados como mão-de-obra escrava. Faz-se necessário dizer, no entanto, que estes fizeram uma forte resistência à escravidão, fugindo, formando quilombos e, até mesmo, suicidando-se. Para os negros que fugiam – ao serem capturados – estes eram fortemente castigados, sendo o tronco o mais comum dos castigos, onde o negro fugitivo era amarrado e chicoteado em público, servindo assim de exemplo para os outros.

Durante o processo de transição entre a queda da Monarquia e a Proclamação da República, mesmo tendo ao lado dos propagandistas da República muitas ou bandas, como eram conhecidos os agrupamentos de negros, muitos negros foram utilizados na defesa da Monarquia, sendo a Guarda Negra, uma das mais importantes formas de resistência da Monarquia frente aos propagandistas da República. Como exemplo dos incidentes entre estes dois grupos, podemos citar o ocorrido em uma conferência de Silva Jardim na Sociedade

¹ Formado em Educação Física pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/Unesp. Atualmente cursa as disciplinas de "História do Pensamento Econômico" e "Historiografia", ambas no curso de História da FCL/Unesp. Para contato enviar mensagem eletrônica para marcioteixeiralopes@yahoo.com.br.

² Resposta do Mestre Pequeno, ao ser perguntado por Vanuza Santos, “Qual estilo você pratica?”. Entrevista publicada na Revista Ginga Capoeira (nº13, ano2). Mestre Pequeno faz parte do grupo de capoeira Mar de

Francesa de Ginástica, tendo sido interpretada de maneira superficial pelos republicanos, como nos conta Carvalho (1998, p. 29)

Vários incidentes verificaram-se entre os propagandistas e a Guarda. O mais sério de todos deu-se com a interrupção, que resultou em mortos e feridos, de uma conferência de Silva Jardim, em dezembro de 1888, na Sociedade Francesa de Ginástica. Dizer que se tratava apenas de capoeiras baderneiros manipulados pela polícia, como o fizeram os republicanos e até mesmo Rui Barbosa, não basta. Permanece o fato de que os republicanos não conseguiram a adesão do setor pobre da população, sobretudo dos negros.

Assim, para que houvesse uma definitiva consolidação da República teve início uma enorme caçada aos capoeiras, que tiveram sua prática proibida já com o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, instituído pelo decreto 857, de 11 de outubro de 1890, onde a figura do capoeira encontra-se enquadrada no capítulo XIII, intitulado "*Dos Vadios e capoeiras*", como nos transcreve Barbieri (1993, p.117-118)

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem³: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena: De Prisão celular de dois a seis meses.

Podendo ainda ter sua pena agravada, caso pertencesse a alguma "*banda*" ou "*malta*", ou fosse chefe ou cabeça a pena seria dobrada.

Um fato interessante que observamos a respeito da proibição da capoeira, é que o Estado passa a persegui-la por conta da desordem que os capoeiras promoviam, como podemos observar na citação acima. Porém, outras manifestações da cultura africana no Brasil, como os seus cultos religiosos e até mesmo o samba, passaram também a ser perseguidas. Dessa forma, entendemos que o que realmente estava em jogo era conter o modo de vida negro, ou seja, a "barbárie negra", que vinculava os negros e o seu modo de vida à forma caótica que vivia a sociedade nesta época, como nos conta Mello (2002)

(...) várias manifestações afro-brasileiras, como o candomblé, o samba e a capoeira, foram veementemente perseguidas pelas autoridades sob o argumento de conter a "barbárie negra", de conter a doença moral que proliferava nas cidades civilizadas. Discurso carregado de

Itapuã.

³ O termo capoeiragem, segundo Oliveira (2002), é entendido como a prática cultural experimentada cotidianamente pelos atores e atrizes da capoeira, porém este termo entrou em desuso principalmente a partir de meados do século XX, momento em que a capoeira ganhou *status* de esporte com a Capoeira Regional, pois esta denominação estava vinculada ao período de criminalização dessa prática cultural.

princípios médicos higienistas que pressupõe a inferioridade da raça negra.

Com a Proclamação da República e o início da imigração europeia para realização dos trabalhos no campo, um grande contingente de negros migrou para as cidades que, por não comportarem tal aumento populacional, foram acometidas de surtos endêmicos, ocasionados pela falta de moradias, de abastecimento de água, saneamento básico e condições de higiene que a população pobre, em especial os negros, vivia.

Tais doenças seriam posteriormente relacionadas aos negros, suas habitações, suas manifestações culturais e a sua “condição inferior” dada pelo discurso higienista. A “cultura bárbara” não podia tomar conta das ruas de cidades como o Rio de Janeiro, na época, capital da República e tida como cartão-postal do Brasil.

No caso do Rio de Janeiro, as moradias dos negros foram totalmente destruídas e nos seus lugares foram construídas obras de embelezamento amparadas em idéias europeias, principalmente as francesas da *belle époque*. Assim, o prefeito Pereira Passos teria modernizado a cidade como disse Chalhoub ao citar Luiz Edmundo (CHALHOUB, 1986, p. 9) “(...) diz a lenda que Passos superou o atraso colonial, transformando ‘a cidade bárbara em metrópole digna da civilização ocidental’. O Rio, dizia, ‘civilizou-se’”.

A população pobre cujas moradias foram destruídas e por ter sido transformada em alvo constante de perseguições das forças policiais, foi se instalar nos morros, criando formas autônomas de organização e, mesmo quando os policiais resolviam intervir, estes eram recebidos a “pauladas”. Portanto, o Estado mesmo com toda a repressão possível, não conseguiu acabar com a prática da capoeira e de outras manifestações negras, que continuaram sua prática nos fundos de quintais, as “escondidas”.

É nesse contexto que surge a figura do mestre Bimba⁴. Ele irá promover o discurso do Estado para a capoeira, como nos conta Pires (2002, p. 39).

[Mestre Bimba] (...) apreende os discursos da repressão, assume-os e reconhece existir, ou ter existido, um grupo “marginal”, possível de ser enquadrado em um campo de negação ao trabalho e, rompendo com esse grupo. Inventa a capoeira Regional voltada para estudantes e trabalhadores.

⁴ Segundo Pires (2002), Manoel dos Reis Machado – ou como ficou conhecido, Mestre Bimba – nasceu em Salvador, em 23 de novembro de 1899, no bairro do Engenho Velho, Freguesia de Brotas na cidade de Salvador. Ficou famoso por ter sido o criador da Luta Regional Baiana – Capoeira Regional, como ficou conhecido o estilo de capoeira. Em 1930, com a fundação do “Clube de união em Apuros”, surge sua primeira iniciativa em abrir um espaço de ensino da capoeira, além disso, Mestre Bimba foi o responsável por registrar a primeira academia de capoeira no Brasil, no ano de 1937. Durante a sua vida, Bimba também foi reconhecido como professor de Educação Física e, em 1939 foi ensinar a sua “luta regional” no quartel do CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército) durante 3 anos. Faleceu em 5 de fevereiro de 1974, um ano depois de mudar-se para Goiânia.

Assim, começamos a perceber que o discurso da Capoeira Regional nasce atrelado ao discurso do Estado para a regulamentação da capoeira, que terá início com as mudanças promovidas por Bimba na capoeira. Dentre estas, para treinar com Bimba, era necessário passar em um teste de admissão, que segundo Almeida *apud* Falcão (2004, p. 37)...

(...) inicialmente, o exame de admissão de Mestre Bimba consistia no “teste da gravata” que exigia do candidato à capoeira, resistir por três minutos, “sem chinar”, e uma gravata aplicada no seu pescoço pelo próprio Mestre, que era “pra ver se o cabra era homem”. Se agüentasse, estaria aprovado, poderia matricular-se no “Centro de Cultura Física e Regional” e começar os treinamentos. Posteriormente, Mestre Bimba passou a utilizar uma seleção biotipológica que exigia resistência física e flexibilidade, ou “junta mole”, como ele dizia. O pretendente teria que demonstrar alguns movimentos como a “cocorinha” (esquiva que consiste num agachamento com uma das mãos no chão), a “queda de rins” (exercício de equilíbrio de cabeça para baixo, em que o capoeira se apóia nos cotovelos e coloca a cabeça no chão) e a “ponte”, que é conhecida como reversão na ginástica olímpica.

Além da condição física para treinar com Bimba, era necessário ser estudante ou trabalhador. Dessa forma, Bimba começava a afastar os “malandros” do cenário da capoeira, pois ele assumirá que “na capoeira havia trabalhadores, tanto quanto malandros” e para ele ser malandro era “ter passagem no meio das “classes perigosas”, entre ladrões, prostitutas, jogadores, viver em cortiços, exercer certo domínio sobre uma área” (PIRES, 2002, p.39). Assim como Salvadori (1990, p.12) compreendemos que...

(...) o malandro, e o capoeira que o antecedeu, não são vadios. Eles representam um esforço pela afirmação da personalidade e por uma experiência de vida onde a submissão esteja ausente”. Pois dessa forma, “preservaram uma tradição de luta pela autonomia e pelo “viver em si” que eram os principais sentidos dados pelo ex-escravo à liberdade”.

Em sua proposta para a capoeira, Bimba realizou mudanças em pelo menos três níveis, como Pires (2002, p.55) nos apontou, sendo elas...

(...) as relacionadas à educação física, as relacionadas aos aspectos artísticos e as relacionadas à organização social e política. Os aspectos relacionados à educação física colocaram o corpo em um sistema de desenvolvimento regrado, dirigido para a repetição dos movimentos em séries temporais. Os artísticos receberam uma forma pré-determinada surgindo uma organização e hierarquia dos instrumentos. Os aspectos sociais e políticos redimensionaram a prática da capoeira, retirando-a das ruas e inserindo-a no contexto de construção dos símbolos nacionais.

Com esse novo caráter dado a capoeira, Bimba realizou diversas apresentações oficiais, inclusive apresentando-se em 1953, para o então presidente da República Getúlio Vargas, dando a esta modalidade um “status social superior”.

Das diversas apresentações que realizou, Bimba conseguiu despertar o interesse da classe média e da burguesia, ao inicialmente como espectador e posteriormente para serem praticantes da regional. Com isso, a cor de seus discípulos foi mudando, pois em sua academia houve total inversão do público, mantendo-se na Capoeira Angola um predomínio de negros, enquanto que na Regional a maioria das pessoas eram pessoas brancas, pertencentes a classe média e a elite. Segundo podemos observar a partir do comentário de um de seus alunos, Mestre Acordeon “(...) a maior-parte dos capoeirista de Mestre Bimba estudava em colégios e universidades” (FRIGÉRIO *apud* ALMEIDA, 1981, p.45).

Com base nesse novo *status* promovido por Mestre Bimba, ele conseguiu com que o presidente da República, Getúlio Vargas, autorizasse a prática da capoeira. Contudo, ao ser socialmente reconhecida com o aval do Estado algumas mudanças foram necessários e que tiraram dela vários sentidos de sua essência, como nos conta Salvadori (1990, p. 157)

Em 1932⁵ o governo getulista libera a prática da capoeira enquanto manifestação típica popular, desde que ausente de qualquer teor subversivo que remetesse as antigas ameaças à ordem. Ela é assimilada como “folguedo”, um “espetáculo folclórico”, permitido em lugares fechados e em datas pré-estabelecidas. Perde seu caráter de luta ao se tornar um espetáculo folclórico, perde seu caráter popular ao se ver enclausurada e por fim, perde o aspecto de surpresa na previsão de sua realização (...) e 1936, passa a exercício indicado nas aulas de educação física.

Como se pode observar na citação acima, que a capoeira vai ter uma aproximação com a educação física, fato este que também pode ser percebido com a publicação de trabalhos sobre capoeira por esses professores, como nos diz Rego (1968, p. 34)

Em nossos dias, Lamartine Pereira da Costa, oficial da Marinha e também professor de Educação Física da referida corporação, e Inezil Pena Marinho, publicando o primeiro *Capoeiragem/ A arte de defesa pessoal brasileira*, reeditado em 1962 com o título de *Capoeira sem Mestre* e o segundo *Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeira* e mais adiante, *Subsídios para a História da Capoeiragem no Brasil*, por sinal, os primeiros trabalhos que se publicam no gênero. (grifo nosso)

⁵ Achemos discordância a respeito da data de sua liberação, pois, como já observado no texto, Salvadori (1990, p.157) aponta o ano de 1932, mas Pires (2002, p.91) diz que a sua retirada do Código Penal, em vigor desde 1890, deu-se em 1934. Diante do ocorrido, acreditamos que esta data deva ser melhor discutida, mas não acreditamos que esse problema tenha interferência na reflexão proposta pelo texto.

Mestre Bimba criou também um método escrito, ao qual chamou de “*Curso de Capoeira Regional*”. Neste ele apresentava lições baseadas em golpes de outras lutas e até mesmo defesa contra armas brancas e revólver, além de técnicas de emboscada. Portanto, Bimba, com este método começa a mudar a forma de aprendizado da capoeira, que anteriormente era baseada na oralidade, na transmissão da memória coletiva do grupo social e na relação entre mestre e aprendiz, tanto que, como nos lembra Moraes (*apud* ABIB 2006) “*o aprendiz de capoeira era também aprendiz de ofício do seu mestre de capoeira*”, pois a relação de convivência entre eles, fazia com que este se tornasse futuramente o “guardião” dessa tradição com toda a sua bagagem cultural. Além do mais,

[...] Não havia Academias de Capoeira, nem ambiente fechado, premeditadamente preparado para se jogar capoeira. Antigamente havia capoeira, onde havia uma quitanda ou uma venda de cachaça, com um largo bem em frente, propício ao jôgo (REGO, 1968, p. 35).

Para Bimba, em seu curso, o aluno iria “*praticar Educação Física e adquirir um preparo físico básico, que seria mola mestra para a prática de qualquer esporte*” (MESTRE BIMBA, s/d). Dessa forma, ao interpretarmos a palavra educação física, devemos perceber que neste momento ela é usada como sinônimo de ginástica. Pois, a educação física estava sobre a proposta de Arthur Higgins, que como nos transcreve Oliveira teve como base o método francês de ginástica, com um “*marcante espírito militar e uma preocupação básica com o desenvolvimento da força muscular*” (OLIVEIRA, 1986, p. 43).

Além do mais, Bimba, segundo Rego (1968, p.286) ao relatar a respeito da cerimônia de formatura, diz que este aparecia portando um apito, identificado por nós enquanto como um símbolo que foi incorporado pela Educação Física, mas que surgiu nesta área por conta das propostas militares que foram inicialmente implementadas na disciplina.

É nesse momento que retorna para a capoeira a figura de Mestre Pastinha⁶, reafirmando outro modelo, no caso a Capoeira Angola. O nome Capoeira Angola passou a ser utilizado com mais ênfase após a criação da Capoeira Regional, como forma de identificação do grupo. Certamente que Mestre Pastinha promove algumas alterações na prática da

⁶ Filho de José Pastinhã, um espanhol que trabalhava como mascate e Raimunda dos Santos, uma negra, Vicente Joaquim Pastinha, ou como ficou conhecido Mestre Pastinha, nasceu em 5 de abril de 1889, na cidade de Salvador. Quando possuía 10 anos, afirma ter aprendido capoeira com um negro natural de angola de nome Benedito. Trabalhou em diversas atividades produtivas, até mesmo em atividades tidas como ilegais, como o jogo, porém considerava-se um artista, um pintor. Assume a responsabilidade de maior representante da Capoeira Angola, quando retorna para a prática da capoeira depois de 20 anos afastado (1920-1940). Recebe a partir da morte de Amorzinho, o *Centro Esportivo de Capoeira Angola*, cujo este era um dos seus donos. Mestre Pastinha somente conseguirá oficializar o centro de capoeira angola, em 1952. Debitado com a deficiência visual desde o ano de 1967, morre em 13 de novembro de 1981. (PIRES, 2002).

Capoeira Angola como era praticada, mas acreditamos que estas vêm em oposição as implementações promovidas por Mestre Bimba, como podemos observar na proposta do GCAP (2007), grupo sobre a liderança do Mestre Moraes, que teve um papel de muita importância dentro da Capoeira Angola quando foi fundado, na década de 80, por se tornar uma referência no processo de resgate das tradições da Capoeira Angola, tida por muitos como uma coisa do passado. Assim, para os angoleiros⁷...

[a capoeira] (...) é importante na medida em que agrupa seus praticantes num projeto de conscientização social, política e cultural. Ao invés de enfatizar o enfrentamento físico-corporal, estamos preocupados em educar para a consciência e luta por direitos, pois, acreditamos que já estamos submetidos a um determinado tipo de violência, representada pela exclusão dos direitos básicos da cidadania. (GCAP, 2007)

Até mesmo em relação à origem da capoeira, percebemos que o discurso de Mestre Bimba – segundo o qual a capoeira é uma criação de africanos no Brasil (REGO, 1968, p. 269) – não contempla os angoleiros, que defendem uma origem africana, expressa através do ritual do *N'golo*. Este ritual trata-se de uma tradição do sul de Angola. Realizado junto ao *mufico*, *efico* ou *efundula*, um ritual (*N'golo*) de passagem da condição de moça para mulher, a seguir serão disputadas pelos jovens guerreiros. O guerreiro que melhor se sobressair caberia o direito de escolha da esposa sem o pagamento do dote matrimonial (ASSUNÇÃO & MANSA, 2008).

Sobre a religiosidade, Rego (1968, p.38) nos dirá que

[entre] (...) a capoeira em si e o candomblé existe uma independência. (...) A pesar de nas cantigas de capoeira se falarem *mandinga*, *mandingueiro*, usar palavras e composições em línguas bunda e nagô e também a capoeira se identificar com o que os capoeira chamam de *mandinga*, nada existe de religioso. O que existe vem por vias indiretas.

Mesmo sabendo que tal religiosidade fosse adquirida por vias indiretas, observa-se na prática, uma maior influência religiosa na Capoeira Angola do que na Capoeira Regional. Na Capoeira Angola observa-se a necessidade constante de solicitar proteção antes de entrar para um jogo. Acreditamos ainda que a Capoeira Regional entenda um bom ou mal resultado em um jogo, como sendo explicado somente por questões físicas de treinamento. Outro fato que também observamos, foi a não utilização do atabaque na Capoeira Regional, pois para Bimba, este instrumento estaria ligado a prática de cultos africanos, tido pelas elites, como uma religião “não-civilizada”.

⁷ Nome utilizado para identificar os adeptos da Capoeira Angola.

Para Mestre Pastinha como nos transcreve Caxias (2005, p. 40) *”O capoeirista não é aquele que sabe movimentar o corpo, mas sim, aquele que deixa o corpo ser movimentado pela sua alma”*. Assim, parece haver, uma total inversão das propostas de Mestre Bimba, que traz para a capoeira através de uma visão sobre a necessidade de força muscular, flexibilidade e uma constante tomada de decisões pautadas em explicações biológicas.

Frigério (1989) chama nossa atenção ainda para uma prática que se tornou comum entre os adeptos da capoeira regional. Trata-se da utilização de cordões. Estes foram instituídos após a realização do primeiro e do segundo simpósios brasileiros de capoeira, realizados em 1968 e 1969, numa base da Força Aérea, no Rio de Janeiro. Os simpósios, além da implementação dos cordões, tinham como objetivo estabelecer uma homogeneização das práticas e regras, criando uma única nomenclatura para os golpes e critérios para a graduação de Mestres. Tudo isso com a finalidade de criar Federações para transformar a capoeira em esporte nacional. Tal fato seria conseguido posteriormente com a declaração do Conselho Nacional de Desportos, em 1972.

Segundo Areias (1984, p. 76-77), as Federações de capoeira teriam como objetivo principal a integração da capoeira e os seus mestres à ideologia política do Regime Militar instalado em 1968. Este fato foi observado, não somente com o apoio, mas com a liberação do espaço físico para realização dos simpósios, mas também com a utilização das cores da bandeira brasileira (verde, amarelo, azul e branco) no sistema de cordões.

Atualmente observamos um aumento da disputa pelo mercado, principalmente entre os adeptos da regional, e em menor quantidade entre os angoleiros. Esta disputa faz com que muitos resolvam auto se intitular mestres como símbolo de um melhor status no “shopping cultural da modernidade”.

Dizia mestre Pastinha, por ocasião dos seus 92 anos, pouco antes de sua morte, que ainda estava aprendendo capoeira. Entendemos que ser mestre para a Capoeira Angola não é ser apenas um detentor de capacidades e habilidades físicas, mas sim detentor de um conhecimento que seja aprendido durante as suas experiências de vida. Tal condição aponta impossibilidade de alguém possuir este título com baixa idade. Fato que temos observado na Capoeira Regional, onde vemos a presença de mestres na faixa dos seus 20 a 30 anos de idade. (ABIB, 2006)

Esta experiência de vida será importante para que este mestre tenha um “alto grau” de paciência, algo muito parecido com o desenrolar da Capoeira Angola, que tem em seus movimentos, um desenrolar paciente, sem pressa, ou como mestre Moraes (*apud* VIEIRA, 1997) nos diz, *”Nossos movimento não têm pressa de chegar, mas quando chegam é de forma harmoniosa. É um diálogo de corpos, eu venço quando o meu parceiro não tem mais*

respostas para as minhas perguntas”.

Considerações Finais

Neste estudo inicial, apontamos como não sendo possível alguém ser adepto/praticante da Capoeira Angola e da Capoeira Regional, à medida que elas, como foi apresentado no decorrer do nosso estudo, apresentam propostas ideológicas diferentes.

Acrescentamos ainda, que tal discurso apresentado inicialmente neste texto, muito presente na prática da capoeira, é aceito por praticantes atraídos pelo mercado da capoeira, observado em grande maioria na Capoeira Regional – ou Contemporâneos, como modernamente costumam se denominar certos capoeiras que, na verdade, trazem a mesma proposta da Regional. Proposta esta parecida com a dos professores de Educação Física, que juntamente com professores de capoeira ligados e que por intermédio dos Conselhos Federal e Conselho Regional de Educação Física tentam retirar do mercado, a todo custo, todos os mestres que não têm curso superior de Educação Física.

Assim, Monteiro *apud* Mello (2002) nos diz que a capoeira é um “*barro flexível no qual brancos e negros vão moldando-o segundo as exigências e interesses específicos em jogo em cada momento histórico*”. Dessa maneira, poderíamos acrescentar que, essas duas modalidades são reflexos dessa disputa.

FONTES

ABIB, Pedro Rodolpho Jugers. **Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão**. In: Caderno CEDES, v.26, nº68, Campinas-SP, jan./abr./2006.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhring & MANSA, Mestre Cobra. **A dança da zebra**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, ano3, nº30, p. 14-21, mar. 2008.

FRIGÉRIO, Alejandro. **Capoeira: de arte negra a espore branco**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p. 85-98, Jun. 1989.

GCAP. **Grupo de Capoeira Angola Pelourinho**. Disponível em <<<http://www.gcap.org.br/historia.htm>>>. Acesso em: 03.set.2007.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **“Bando de Marginais”: os capoeira no livro didática História e Civilização**. In: Congresso de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Ponta Grossa/PR, 2002.

MELLO, André da Silva. *A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal*. In: Congresso de História da Educação Física, Esporte, Le Dança. Ponta Grossa/PR, 2002.

Mestre Pequeno (Grupo Mar de Itapuã). In: **REVISTA GINGA CAPOEIRA**. São Paulo: Editora Escala Ltda, nº13, ano2.

BIBLIOGRAFIA

AREIAS, Almir das. **O que é Capoeira**. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BARBIERI, Cesar. **Um jeito brasileiro de aprender a ser**. Brasília: DEFER, Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira (CIDOCA/DF), 1993.

CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. Tese (Doutorado em Educação). Salvador-BA, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2004.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro De Mangangá: três personagens da capoeira baiana**. Tocantins/Goiania: NEAB/ Grafset, 2002.

REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: Ensaio Sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.

SALVADORI, Maria Angela Borges. **Capoeiras e Malandros: Pedacos de uma sonora tradição popular (1890 – 1950)**. Dissertação (Mestrado em História). Campinas -SP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, 1990.

VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo da capoeira: cultura popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.